

João Victor Nunes da Silva

DOS BONS COSTUMES OU DE COMO ELES IDIOTIZAM A HUMANIDADE

Introdução

“Tereis curiosidade em saber, suponho, o que pode ser um homem que não gosta dos homens”?

Paul Hilbert tem 33 anos, tem um emprego fixo, é simpático com todos que conhece. Porém sempre escondeu algo. Desde a idade da razão não vê beleza nos homens, não apenas o sexo masculino e sim o ser humano. Os ama tão pouco que desejava matar seis deles. Por que seis? Porque seis era o número de balas em seu revólver.

Ele poderia ter ficado em silêncio pelo resto da vida, mas sabia que se descobrissem a verdade sobre ele, seria odiado, excluído, preso e espancado. Não via motivos pelos quais não matar aos homens que não amava, que provavelmente nunca chegariam a amar o que ele realmente é e fariam julgamentos morais a respeito do que ele sente e deseja. Isso faz com que sua vontade cresça dentro dele cada vez mais. Afinal, que buraco poderia fazer seis pessoas em uma sociedade?

Hilbert planeja o dia em que cumprirá o que sempre quis fazer. Matar as cinco pessoas e depois matar-se. Ele tranca-se em casa, deixa de comer e aprecia sua imagem que se torna doente após alguns dias sem ver a luz do sol. Porém, quando finalmente chega o dia em que estava pronto para matar as seis pessoas, ele erra os tiros, é perseguido e se entrega sem conseguir tirar sua própria vida. Diversos motivos podem ter levado Hilbert a não cometer o suicídio, entre eles a covardia ou a visão que o outro teria acerca dele e de sua morte. Assim, somos levados a refletir se existe a possibilidade de viver e agir sem a preocupação com o outro e seu julgamento. Tal resposta gerou muitas discussões e nenhuma definição.

O conto que relatamos acima se chama Erostrato e foi escrito por Jean-Paul Sartre, filósofo francês.

O que havia de errado com o personagem criado por Sartre? Por que não poderia ser aceito sem preconceitos pela nossa sociedade? Qual era o problema ele estar fora dos padrões morais? Sem contar aqueles que muitas vezes escolhem esconder seus mais profundos desejos pelo medo que sentem de serem apedrejados (moralmente) apenas por pensarem ou serem diferentes da maioria. O que comprova que uma mulher é de menos respeito apenas porque ela prefere ter mais de um parceiro?

Nossa artigo tem o intuito de mostrar como nossas normas morais (ocidentais) são frágeis até mesmo nos casos mais extremos. Isso é importante para percebermos que muitas vezes exageramos em nossos julgamentos com nossas visões etnocêntricas. Para investigar este problema, recorreremos aos autores Marquês de Sade, Marx, Sartre e Nietzsche.

Um sistema de julgamento?

Antes de iniciar nossa reflexão, é necessário pensar a respeito da moral. Ela pode ser considerada como um conjunto de regras que adotamos para avaliar as diversas questões que nos são colocadas em nossa vida cotidiana. Assim, usamos a moral para avaliar se uma situação é justa ou injusta, certa ou errada, boa ou ruim.

As regras morais podem ser individuais, nas quais criamos um sistema semelhante a um sistema matemático que usamos para avaliar e dar solução para seus problemas. A moral individual é determinada pelo indivíduo com ou sem influência da moral coletiva. Alguns estudiosos da antropologia, da sociologia e da filosofia renegam essas regras morais individuais e independentes da moral coletiva, pois argumentam que os seres humanos são sujeitos históricos e determinados pela sociedade. Marx, por exemplo, acredita que as estruturas sociais determinam o modo de ser e pensar dos seres humanos, podendo ocasionar na alienação. Sartre diz que o homem é um ser lançado no mundo e sofre diversas influências, mesmo que essas influências não sejam capazes de determinar o que é o sujeito e como ele deve agir.

No que se refere à moral coletiva, no Brasil, esta pode e quase sempre é derivada da moral religiosa e sempre envolve os assuntos que a sociedade caracteriza como tabus.

Exemplos disso é a poligamia e o incesto. A poligamia consiste em um relacionamento de três ou mais pessoas. O incesto consiste na relação sexual entre pessoas da mesma família.

Mas de onde vem a moral? Ela nasce conosco ou é adquirida ao longo da vida? Para Platão, a ideia de Moral, de Bem, de Bom e de Justo já existem no mundo e não dependem da nossa existência. Precisamos apenas buscar conhecer essas instâncias. Já para Sartre, a moral é criada pelos seres humanos, pois não há um deus ou qualquer força superiora que pode tê-la criado.

É plausível determinar a moral como adquirida, pois quando nascemos, nós passamos pelas instituições socializadoras que nos inserem e padronizam para podermos fazer parte da sociedade uniformizada e sem haver conflitos morais entre nós. Isso é chamado de aculturação. Assim, adotamos as ideias de Sartre acerca da moral como nosso referencial.

Baseado nessas ideias, trazemos ao debate o filósofo e escritor Marques de Sade, pois tal filósofo questionou radicalmente a moral tradicional, sendo constantemente vítima de vários ataques dos conservadores que rejeitam suas ideias.

Marquês de Sade e sua (não) Moral

Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade, nasceu em 2 de junho de 1740 em Paris e foi um dos principais autores libertinos conhecidos. Aristocrata, escritor e ateu, ousava em questionar a concepção de mundo massificada de sua época. Por afrontar a Igreja com suas obras libertinas foi preso muitas vezes, mas mesmo dentro da Bastilha nunca deixou de escrevê-las. Isso mostra como questionar as regras morais vigentes pode se tornar perigoso: a história não mente. Sócrates, por exemplo, foi condenado a morte por questionar as autoridades de sua época. Assim, não seria nenhum absurdo afirmar que ele rompeu com toda e qualquer moral ou religiosidade.

Em *A Filosofia na Alcova*, um de seus trabalhos mais conhecidos, Marquês de Sade ousa questionar de forma genial as virtudes religiosas e normas morais que eram adotadas em sua época.

Neste conto, Eugênia, uma adolescente de 15 anos, vai à casa de Madame de Saint Ange para ser iniciada na arte da libertinagem. Lá, além da Madame, também encontra Dolmancé, um excelente professor que além de mostrar na prática suas teoria, nunca deixa de fundamentar suas afirmações.

Durante sua iniciação, Eugênia é orientada de forma a desprender-se dos preconceitos e das regras morais a respeito do sexo que são impostas pela sociedade. Não suficiente, Dolmancé vai mais longe e descriminaliza o assassinato, colocando a destruição como um bem necessário e fundamental da natureza. Sendo assim o assassinato de uma pessoa que não exerce nenhuma função importante na sociedade não seria nada mais do que uma ajuda para a natureza. Não significa que Sade era um utilitarista que somente via importância naquilo que é útil. Ele simplesmente dizia que nenhum ser humano era absoluto. Disso implica que ele também não era absoluto.

De acordo com Dolmancé, o sexo e o prazer são inerentes ao ser humano e sua natureza não deveria ser nunca reprimida ou ignorada e sim sempre satisfeita, independentemente da situação ou do sexo do outro. O que deve ser seguido são apenas seus extintos.

Dolmancé explica que somente os tolos e ingênuos acreditam na religião e seguem suas virtudes. De acordo com ele, somente a habilidade em mentir e a falsidade levam o ser humano onde ele quer chegar pois, assim como acontece na natureza, é preciso saber enganar, hipnotizar e cobiçar para ter aquilo que se deseja. E também não se deve praticar a caridade porque assim os pobres e mendigos nunca sairão de suas condições miseráveis. Logo, praticar a caridade seria como atrair moscas e parasitas para perto de si.

Mais tarde, Mirvel, irmão de Madame de Saint Ange chega e Dolmancé faz com que ele faça parte da orgia/aula. Mirvel, além de ter relações sexuais com Dolmancé e Eugênia, também pratica incesto com sua irmã. Depois, Madame chama um de seus empregados para participar das aulas práticas.

No fim da aula, Madame recebe uma carta de Cavalheiro de Mistival dizendo que a Madame de Mistival (mãe de Eugênia) estava indo à casa de Madame a procura de sua filha. O Cavalheiro de Mistival autoriza que sua esposa seja punida da forma que Madame achar melhor. Chegando lá, Madame de Mistival é torturada, estuprada e tem suas partes íntimas costuradas com sêmen de um homem infectado por uma doença sexualmente transmissível.

Algumas das ideias de Sade podem ser encontradas no filme *Saló ou os 120 dias de Sodoma*. Dirigido por Pasolini, um escritor, poeta, cineasta, mas muito mais conhecido por ser o intelectual mais controverso da Itália. *Saló ou Os 120 dias de Sodoma* foi seu último e mais provocador filme, lançado em 1975.

Neste filme, jovens adolescentes são retirados de suas famílias para servir de escravos sexuais em um castelo na Alemanha. As garotas foram forçadas a ficar nuas para que os senhores pudessem avaliar seus corpos e decidir quais seriam as escolhidas para completar o grupo de escravos. Uma delas teve sua mãe assassinada durante o sequestro. Os garotos precisam mostrar seus órgãos sexuais e avaliar a qualidade de seus membros.

Chegando ao castelo os senhores avisam que quem desrespeitasse as leis do local seria severamente punido. Neste local é extremamente proibido respeitar qualquer regra moral da época ou demonstrar referências religiosas.

O filme mostra de forma bem explícita o questionamento à moral adotada naquela época. Todos os dias uma Madame ex-prostituta conta histórias sobre como começou sua vida de libertinagem desde criança e como foi extremamente prazeroso para ela descobrir suas paixões mais ocultas. Durante os contos era bem comum algum dos senhores sentir-se excitado e querer expressar seus desejos com alguns dos escravos sexuais sequestrados. Aqueles que se recusavam a satisfazer os desejos dos senhores eram punidos com torturas e até mesmo a morte.

Uma cena que poderia ser perturbadora para um cristão aconteceu durante um jantar, enquanto as cozinheiras colocavam o jantar na mesa para os convidados, um deles agarra uma delas e começa a ter uma relação sexual a força. Todos sentados á mesa riem e apreciam a cena, um deles se levanta e começa a mostrar seu ânus a todos os convidados e eles o apreciam igualmente. Este senhor pede que faça sexo com ele após terminar sua relação sexual com a cozinheira.

Aos olhos mais ignorantes, aqueles cegados pela alienação, cheios de preconceitos e julgamentos morais, o filme se mostra um filme pornográfico. Já os mais críticos fazem uso de sua razão a fim de alcançar um maior entendimento a respeito da mensagem do filme, sendo possível perceber que ele mostra como nossas crenças agem sobre nós e sobre como nos comportamos frente a elas. Limitamo-nos a julgar moralmente qualquer um que esteja fora de nossos padrões como uma aberração ou como pecador.

Vale lembrar que o filme de Pasolini fazia críticas ao fascismo político em que a Itália se encontrava na época em que ele viveu, usando os personagens para representar as autoridades. Pasolini resgatou as obras de Sade, e como ele, as usou para questionar as autoridades. Porém, nosso comprometimento se limitará (não que seja pouco) em abordar apenas as questões filosóficas da moral.

Somos forçados a reprimir nossa natureza com a esperança de uma terra prometida, a saber, o reino de Deus ou a recompensa na Terra por conta de nosso bom comportamento. O errado não existe naturalmente, pois “*se Deus não existe, então tudo é permitido*”, conforme nos diz Sartre, de acordo com o posicionamento que adotamos e que já foi explicitado anteriormente.

Como exemplo mais próximo de tudo isso que foi falado até então, podemos pensar a respeito do amor, tal como ele é conhecido pelas pessoas. Um dos maiores erros do ser humano é apegar-se a coisas e pessoas acreditando que tudo isso é “eterno” e estará sempre por perto a sua disposição. Como Heráclito já nos mostrou na Antiguidade Clássica, tudo flui e nada permanece igual, assim como as águas de um rio.

Nascemos frágeis e vulneráveis. Em comparação aos outros animais que existem, somos os mais carentes entre todos eles. A respeito disso, Nietzsche diz que para ele não há criação, o universo sempre existiu e sempre existirá e o homem está aqui em caráter passageiro, sem qualquer missão mais importante que a de sua própria sobrevivência no qual as únicas garras que temos para conseguir sobreviver seria o intelecto.

Assim, desde que passamos pelo processo de aculturação, somos ensinados a confiar em alguém, depositar em pessoas carências emocionais. Assim crescemos dependentes da família, religião, escola e amigos numa cultura em que a opinião dos outros é mais importante do que a própria, o que muitas vezes nos leva a ser aquilo que os outros querem que sejamos e não o que nós realmente gostaríamos de ser (se é que queremos ser algo diferente, pois pode ocorrer da alienação chegar a tal pico que passamos a ser incapazes de nos imaginar de uma forma diferente daquela estabelecida pela sociedade).

Quando chegamos à maioridade legal (18 nos, no Brasil) é que percebemos algo que estava implícito desde cedo em nosso adestramento que acontece desde cedo na escola, quando em nossos primeiros dias de aula começa um treinamento para estudar, nos esforçar e aprender alguma profissão para ser úteis a sociedade e ela nos recompensar nos dando

condições para (sobre) viver. Nem sempre percebemos que, ao terminarmos os estudos básicos, nos veremos sozinhos e desamparados. E então não há ninguém para nos dizer o que fazer, muito menos para verificar se arrumamos nosso quarto, por exemplo. Encontramo-nos sozinhos e desamparados, lançados ao mundo e tendo que agir. Já não somos mais responsáveis de ninguém. Somos livres e não conseguimos suportar isso, não suportamos a ideia de que não temos um motivo plausível e racional pelo qual viver, pois a moral religiosa se mostra insuficiente para dar conta de nossas inquietações (isso quando conseguimos ter essa percepção, coisa que não ocorre sempre).

Entramos em um estado de desespero à procura de um motivo, propósito ou missão pelo qual estamos aqui nesse mundo. Ficamos tão desesperados com a falta de significado e solidão e começamos a procurar alguém para nos fazer companhia e fazer parecer que nossas vidas têm sentido.

Criamos um modelo ideal de ser humanos com base na moral religiosa e nos costumes de nossa cultura. Assim criamos uma ideia para personificar em outra pessoa. Ocorre assim o fenômeno da paixão. Porém o que amamos na outra pessoa é apenas sua beleza e a ideia que temos dela que pode ou não corresponder com a realidade, pois o padrão de beleza imposto socialmente tem seu caráter duvidoso.

Passamos a maior parte de nossa vida procurando alguém para nos escravizar e para que possamos escravizar também, pois não suportamos a nossa própria liberdade. Ou seja, procuramos alguém para possuir e para nos possuir. Quando encontramos passamos a acreditar que esta pessoa é o motivo de nossas vidas, e quando chegam os filhos passamos a viver por eles e sem querer ensinamos para eles a fazer o mesmo colocando-os neste ciclo interminável de uma ditadura que tortura, mas que é ao mesmo tempo silenciosa.

Considerações finais: Por uma moral do mundo dos vivos

Não acreditamos que sair pelo mundo assassinando as pessoas possa trazer soluções para nossos problemas morais. Muito pelo contrário, deveremos buscar o bem estar de todos. Desde que isso não interfira nos direitos humanos de outros. Os exemplos citados são

extremos para nos fazer pensar no quanto exageramos quando fazemos julgamentos de situações que nem precisariam receber tanta atenção. Exemplo: qual seria o problema de uma mulher querer ter vários parceiros sexuais? Nenhum, pois tais escolhas não prejudicam nossas vidas em nada e muito menos a dela, pois ela está expressando seus desejos sexuais da forma que acha mais prazerosa. Se seus parceiros concordam com essa relação, como podemos interferir?

A respeito da sexualidade, todos nós temos, é natural do ser humano e não há como fugir dela. O que muda é apenas como manifestaremos nossa sexualidade, uma questão que é puramente cultural. Assim, os ciúmes e a posse já nos causaram tantos problemas, como injúrias e assassinatos, e por isso devem ser descartados de uma vez por todas. E com tantas culturas pelo mundo, quem comprovaria que a ocidental é a correta?

Nosso pensamento etnocêntrico e orgulhoso tem nos causados muitos problemas durante toda a história e já passou da hora de reavaliarmos os milênios e rever nossos erros para refletir profundamente se estamos fazendo mesmo o correto a respeito de nós mesmos e nossos semelhantes. Nossas criações tecnológicas podem ter evoluído, mas infelizmente no campo da moral, continuamos muitas vezes usando aquelas que os mortos nos deixaram como herança.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2011. Ensino Médio. Volume único.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KANT, IMMANUEL. **Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”?** In: Textos Seletos. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SADE, Marques de. **A Filosofia na alcova**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

FILMOGRAFIA

PASOLINI, Pier Paolo. **Saló ou os 120 dias de Sodoma**. 1975.